

Santiago Guijarro. *La memoria viva de Jesús.*

Dinámicas de la transmisión oral.

Biblioteca de Estudios Bíblicos 172, Salamanca:

Ediciones Sígueme, 2023, 221 pp.

ISBN 978-84-301-2179-3

JOSÉ CARLOS CARVALHO*

Santiago Guijarro, catedrático de Novo Testamento na Universidade Pontifícia de Salamanca, e recentemente eleito académico de número da Real Academia de Doutores em Espanha, oferece-nos nesta obra, na sequência de outras suas anteriores, uma reconstrução do processo de transmissão das palavras e ensinamentos de Jesus desde os inícios, nos diversos grupos, sensibilidades e regiões. Como o subtítulo indica, averigua os caminhos e as dinâmicas da transmissão neotestamentária de Jesus, desde a primitiva tradição oral (muito estudada nos inícios do séc. xx pela história das Formas) até à versão escrita que nos chegou pelos evangelhos. Para tal organiza este livro em três partes: na primeira aborda a memória das palavras de Jesus ao nível regional e da diáspora (pp. 25-68); na segunda pergunta-se pelas tradições populares sobre Jesus (pp. 69-128); e na terceira trata da identidade de Jesus (pp. 129-201) ao longo desse processo de transmissão e de releitura. Não deixa de advertir que estamos diante de um processo complexo, desde a memória dos que conviveram com Jesus, passando pela diáspora paulina, pela fonte Q, até chegar aos evangelhos sinópticos e ao Quarto Evangelho. Como o autor refere na conclusão, quis apresentar sobretudo um ensaio, “trabajos iniciales” (p. 194), seminal, não exaustivo. No fim do livro disponibiliza uma bibliografia acurada e rica sobre a temática em questão

* Universidade Católica Portuguesa; <https://orcid.org/0000-0002-6460-9179>; jcarvalho@ucp.pt.

(pp. 203-217), o que é sempre de saudar, pois abre pistas para os leitores. Respigamos agora algumas das conclusões mais importantes.

Na primeira parte da obra, o Professor Santiago Guijarro mostra como grupos distintos dos seguidores de Jesus guardaram as suas palavras: uns fizeram-no na pátria, outros na diáspora. Ambos os grupos representam aquilo a que chama a perspetiva regional (pp. 36-42): os primeiros separaram-se da religião de origem, enquanto os segundos continuam a fazer o seu culto num ambiente plural em que a experiência religiosa de origem não é a dominante. Assim, estes últimos deram mais atenção à boa notícia sobre Jesus, enquanto os primeiros conservaram muito mais as memórias e os factos de Jesus, a boa nova anunciada por Jesus. Daqui resultam memórias e tradições hermenêuticas diferentes.

Depois disto o autor parte para a segunda parte para avaliar as tradições populares tal como as viam e transmitiam os vários grupos seguidores de Jesus em diferentes contextos geográficos. Neste âmbito, o autor mostra como ganham relevo as tradições populares que valorizavam os milagres (pp 103-107), tal como as encontramos nos evangelhos de Mateus e de Lucas (pp. 97-127), sendo que a fonte Q e Mateus se opõem a estas tradições populares por falta de um compromisso ético (pp. 121-123.198). O autor sugere que a crítica de Marcos e o distanciamento de Lucas face a estas tradições populares compreendem-se num contexto de proximidade geográfica na Galileia (p. 125). Mateus, por seu turno, remodela neste ponto o que recebeu de Marcos, pois distancia-se dos que viam em Jesus um novo profeta Elias taumaturgo, indo atrás do profeta à procura de milagres, só com curiosidade, mas não para seguir Jesus (p. 124). Com vários exemplos de releituras mateanas do evangelho de Marcos (pp. 98-107), o Professor salamanticense conclui que Mateus, por causa da falta de compromisso ético no relato e transmissão das tradições populares dos milagres, aproxima João Batista da figura profética de Elias (p. 115), mas distancia Jesus dessa figura profética, ao contrário de Lucas, para quem estas polémicas de identificação de Jesus eram alheias ou estranhas (p. 114). O Professor Santiago chama aqui a atenção para o estilo de vida itinerante de Jesus que facilitou a

aproximação de Jesus à figura profética de Elias (cf. p. 118: Q 9,58.60; 10,1-12; 12,49-53).

Na terceira parte o autor reconstrói três momentos (ou fases) no processo de reconstrução da memória acerca da identidade de Jesus (p. 130): as formas em que tal foi veiculado, as primeiras composições, e as versões finais dos evangelhos em forma de biografia. Para tal são analisadas alguns *apophthegmata* e algumas *khreai*, como Mc 2,13-28 (p. 133). Isto pretende mostrar que “o importante não é o que Jesus disse, mas o que essa declaração revela acerca dele” (p. 135).

Ao tratar do Evangelho de João no cap. 6, para mostrar o trabalho desenvolvido pelo discípulo amado à luz e na força do Espírito (como traço específico do Quarto Evangelho: p. 151) no seio de “uma intensa elaboração cristológica” (p. 166), o autor recupera um dado da exegese mais recente sobre a forma literária dos evangelhos: a sua forma em jeito de biografia à maneira das *bioi* no mundo helénico, o que molda a transmissão da memória de Jesus. No fundo, retoma o que já tinha proposto na sua monografia sobre *Los Cuatro evangelios* de 2010, [= BEB 124], publicada na edição revista e ampliada na mesma coleção e na mesma editora em 2021 (pp. 210-213). De uma forma muito sintética, essas biografias helenistas eram compostas por três grandes partes, num estilo encomiástico: a ascendência nobre da personagem biografada (primeira parte), os seus atos (segunda parte), e o seu elogio fúnebre (terceira parte). Se este género literário é detetável em Mateus e em Lucas, subsistem dúvidas se Marcos adotou este género literário, pois faltam-lhe os dois caps. dos evangelhos da infância (que temos em Mt 1-2 e Lc 1-2). Por isso, perguntamos ao Professor Santiago Guizarro se é suficiente justificar esta ausência com um “es un forma diferente de mostrar su honor” (p. 155).

Por fim, o autor mostra como a fórmula de confissão da fé de Rm 1,3b-4a constitui uma das fórmulas da primitiva cristologia da exaltação, com um fundo judaico (p. 176), em que a expressão “filho de David” aparece em alguns grupos judaicos associada ao messias (p. 174), havendo sérias dúvidas se estaria associada ao Filho de Deus no judaísmo

contemporâneo de Jesus (p. 175). Neste contexto, o autor aponta como berço desta expressão a própria relação filial de Jesus. Assim foi construindo a tradição a identidade de Jesus, da qual é exemplo Marcos, o primeiro a compor um evangelho e a superar a imagem palestinese davídica de Jesus (p. 190).

Em síntese, agradecemos ao Professor Santiago por mais este contributo que nos ajuda a conhecer por dentro a formação dos evangelhos e os diferentes itinerários que a plural tradição de Jesus e sobre Jesus foi percorrendo, da qual temos traços no texto dos evangelhos.